

Diálogos em busca de um encontro com a infância e com a docência para a infância

Dialogue in search of a meeting with childhood and a teaching for the children

Fernanda Pedrosa Coutinho Marques¹
 00001-5211-3937

RESUMO: Neste artigo, o objetivo é discorrer sobre a trama relacional que constitui a minha docência para a infância “navegando” pela infância que vivi, a fim de me encontrar com a criança que fui e que ainda sou, e, a partir dessa aventura, refletir sobre as implicações da teoria, da pesquisa, da prática e dos afetos na constituição de uma docência para a infância. Assim, faço um diálogo entrelaçado com os estudos de Bakhtin (2011), da Psicologia Histórico Cultural (Vygotsky, 2007; Wallon, 2007), da infância e da Educação Infantil (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2017; Kramer, 2006), bem como os de Nóvoa (2007). As reflexões suscitadas em encontros coletivos de profissionais da Educação Básica têm me auxiliado nesse processo de constituição docente. O fato de ser mãe-professora-pesquisadora refletiu na minha postura enquanto professora da infância e para a infância, e tem provocado um exercício de reflexão sobre a minha prática, minhas emoções e as relações que estabeleço, sobretudo com as crianças. No encontro comigo mesma, com as crianças, com os bebês na infância e com a infância, sigo aprendendo a ser professora da/na infância, um dia de cada vez.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias; Infância; Docência para a infância.

ABSTRACT: This article focuses on exploring the narrative that shapes my own teaching practice, “navigating” through the childhood I have experienced, in search of the child I once was and still am. Through this journey, it becomes possible to reflect on the implications of theory, research, practice, and affection in the formation of early childhood teaching. Thus, I create an intertwined dialogue between the studies of Bakhtin (2011), from Historical-Cultural Psychology (Vygotsky, 2007; Wallon, 2007), from childhood and early childhood education (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2017; Kramer, 2006), as well as the studies of Nóvoa (2007). The reflections brought about in various encounters have been guiding me through this teaching process. The fact of being a mother-teacher-researcher reflected in my stance as a teacher of childhood and for childhood and has also provoked an exercise of reflection on my practice, on my emotions and on the relationships that I establish most importantly with the children. In meetings with myself, with children, with babies, and with the concept of childhood itself, I continue learning each day how to be a better teacher for young children.

KEYWORDS: Memories; Childhood; Early childhood education.

Introdução

Ao escrever sobre meus processos de constituição pessoal, acadêmica e profissional, seleciono acontecimentos e pessoas que me marcaram e que foram marcadas por mim. Encontros e desencontros que se fizeram. Certa de que Manoel de Barros tem razão ao dizer

¹ Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Rede pública de Ensino de Belo Horizonte, Minas Gerais. E-mail: fernanda.coutinho12@gmail.com.

que as crianças e os passarinhos têm o dom de fazer poesia, trago os encantamentos desta para tentar encontrar, por meio de minhas próprias palavras, a infância e com a infância.

Rabisco essas palavras para dizer a mim mesma para onde as águas do rio que se abrem em curvas me levaram e têm me levado. E, ao escrevê-las, me marcam mais uma vez e me constituem um novo ser. Contudo, assim como Carlos Drummond de Andrade,² vivo me perguntando: será que sou? O que é ser? Enquanto criança, não me sentia um ser. Tinha corpo, jeito e nome, e não era... O sentido que damos ao que somos, ao que falamos, passa primeiro pelo outro, sendo, assim, primeiramente de origem social (Vygotsky, 2007; Wallon, 2007).

As marcas sobre as quais escrevo são marcas que antes não eram minhas, antes eram do outro, por meio do qual me constituo como o ser humano que hoje sou. Assim se dá o processo de constituição humana, por meio das relações com o outro e com o mundo. Antes de sermos nós mesmos, somos do outro (Wallon, 2007). Nesse mesmo sentido, Bakhtin (2011, p. 341), pondera que “ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha o outro nos olhos ou com os olhos do outro”. Assim, o que sou também faz parte de vários outros que encontrei nas curvas do rio da vida. E, dessa forma, me relaciono comigo mesma, tal como os outros se relacionaram comigo (Vygotsky, 2000).

É a partir destas concepções que este texto deve ser lido, pois se trata de um tempo vivido que ficou marcado em minha subjetividade. Estamos imersos na trama das relações e, sendo assim, participamos dos nossos próprios processos de aprendizagem e desenvolvimento, das nossas próprias significações (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2017).

Quando lanço as primeiras palavras, os pensamentos me levam à minha infância, a uma viagem no tempo, ao retorno, ao começo. Assim começo o texto narrando sobre minha própria infância, o que me leva a mim mesma e ao outro, processo que se entrelaça com minha formação acadêmica, profissional e pessoal.

Os caminhos que nos levam de fato às reflexões sobre a nossa própria prática, são poucos e, sendo assim, considero importante destacar que os encontros formativos e as reflexões suscitadas no âmbito destes, têm me auxiliado nesse processo. É o que pretendo contar aqui, um pouco da trama relacional que constitui a minha própria docência para a infância. Busco “navegar” pela infância que vivi a fim de me encontrar com a criança que fui e sou e, a

² Alusão ao poema “Verbo ser” (Drummond, 2017).

partir dessa aventura, refletir sobre as implicações da teoria, pesquisa, prática e afetos na constituição de uma docência para a infância.

Do lugar onde o rio se abre em curvas ao encontro da infância, ao encontro com a infância...

Vivi desde bebê em uma pequena cidade chamada Iguatama, situada no centro-oeste de Minas Gerais. Anteriormente chamada de “Porto Real”, Iguatama é um nome indígena, tupi-guarani, *Yguaterama* e *Igua-terrama*. Significa “lugar onde o rio se abre em curvas”, “enseada de minha terra” ou, ainda, “lugar onde o rio se abre em lagamar”, fazendo alusão às curvas do Rio São Francisco que corta a cidade. Iguatama é a primeira cidade do país a ser banhada pelo rio.

Viver nesse lugar me proporcionou viver uma infância onde as brincadeiras com barro e água da chuva, com plantas e animais, com grãos como milho e feijão na época de colheitas, predominavam. Brincadeiras na chuva, de casinha, de esconde-esconde e de ser professora eram as minhas preferidas. As brincadeiras, experiências de cultura, são a principal atividade da criança, por meio dela interagimos com o outro enquanto criança que fomos, elaboramos nossos próprios saberes e significados e experimentamos o ser e o estar no mundo (Vygotsky, 2007; Wallon, 2007).

A minha condição de ser uma menina, entretanto, atravessou desde então a minha condição de ser criança e os meus modos de viver a infância, pois “as crianças nascem em um mundo repleto, prenhe de significações” (Smolka, 2017, p. 42). As possibilidades do brincar, característica marcante da infância, eram sempre atravessadas pelos valores morais e tradicionais da minha família. No entanto, a convivência com os muitos primos, meu único irmão e um amigo, em especial, me fazia escapar fortuitamente das regras e proibições que sempre me eram impostas.

As crianças parecem sempre querer e saber burlar as regras. Estou de acordo com Buss-Simão (2012, p. 199) quando afirma que, “por serem dicotômicas e contraditórias, algumas vezes, as crianças se tornam resistentes e desafiam a imposição de estereótipos, noutras vezes, atualizam, reproduzem e acentuam esses mesmos estereótipos”. Eu fui uma criança bastante resistente às regras, e a criança que fui continua resistindo ainda hoje!

As minhas experiências nas escolas do/no campo enquanto criança se constituiu em um contexto paradoxal. De um lado, o campo se mostrava como um espaço potente de socialização

e protagonismo das crianças, apresentando várias possibilidades como: as brincadeiras no pátio da escola com crianças de diferentes idades e uma visão privilegiada pelas janelas da escola, dos animais, das plantas, das pessoas conhecidas e até mesmo de familiares que circulavam no entorno da escola, que era cercada por lavouras que me pareciam intermináveis. Por outro lado, se apresentava como um contexto de invisibilidade das particularidades das crianças nas propostas pedagógicas, sobretudo na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Discutir a temática da Educação Infantil do/no campo não é o que pretendo fazer neste momento, no entanto, considero importante mencionar que os desafios ainda são muitos no que concerne ao direito das crianças de viverem suas infâncias e a uma educação de qualidade do/no campo, sobretudo nos municípios pequenos (Rosemberg; Artes, 2012).

A partir dessas experiências vividas nessa escola, é que fui me descobrindo e me deixando encantar por ela e, desde então, luto por aquilo que nunca queria deixar: a escola que para mim, sempre foi e ainda é, um lugar de busca e de liberdade. O fato de ter crescido naquele contexto geográfico e familiar me fez pensar que chegar a uma universidade não seria possível, ao passo que estudar significava naquele contexto se afastar cada vez mais daquele mundo. No entanto, eu me afastei dele...

Ao finalizar os meus estudos no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, a minha busca foi interrompida durante alguns anos. Contudo, após esse tempo, já no ano de 2010, como mulher, mãe e casada, residente na região metropolitana de Belo Horizonte, realizei a prova de vestibular e fui aprovada no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Dediquei-me intensamente aos estudos na graduação rumo à formação acadêmica, que foi se dando de forma paralela à minha formação materna. Aprendi a ser mãe um dia de cada vez e a cuidar, no sentido mais ético e humano, assim como pondera Guimarães (2011). A dedicação aos estudos foi intensa e sempre permeada pelas tarefas domésticas e pela maternidade. Enfim, novos caminhos se abriram...

A busca pelo ser criança na/da infância: implicações da teoria, pesquisa, prática e afetos na constituição de uma docência para a infância

O processo de ser mãe-professora-pesquisadora e as emoções que o atravessaram refletiram na minha postura enquanto professora da infância e para a infância, em um exercício

de reflexão sobre a minha prática, minhas emoções e as relações que estabeleço sobretudo com as crianças. É inevitável não falar das pesquisas que venho realizando com os bebês na Educação Infantil e com as quais venho me constituindo como pessoa e como professora-pesquisadora que sou. Essas vivências e intercorrências têm contribuído para a minha constituição enquanto pessoa (Vygotsky, 2007) e, enquanto professora, ao refletir sobre a minha própria prática, encontro-me cada vez mais em um processo formativo e reflexivo da docência (Nóvoa, 1995).

Na continuidade da busca por esse lugar rico de oportunidades, desafios, afetos, descobertas, experiências e aprendizagens que é a escola, outros caminhos foram sendo trilhados e, a cada novo caminho percorrido, uma nova chegada se fazia para mim. Logo após o término da minha graduação no curso de Pedagogia, comecei a trabalhar como coordenadora pedagógica em uma instituição de Educação Infantil e, então, desde o ano de 2014, tenho tido a oportunidade de estar com as crianças nos contextos coletivos da Educação Infantil.

Foi um tempo extremamente significativo e relevante na consolidação do meu percurso acadêmico e profissional. O processo de constituição do ser professora, iniciado lá na infância, agora começa a ter outros contornos com as infâncias de outras crianças. Esses contornos me levaram a enxergar as nuances das crianças e suas infâncias nesses contextos da Educação Infantil. Dessa forma, tanto nos contextos educativos públicos quanto nos privados nos quais tive a oportunidade de exercer a docência, questões complexas me inquietaram bastante e me instigaram a buscar por respostas na própria teoria. Dentre elas destaco: as relações afetivas entre crianças e adultos na Educação Infantil; o desenvolvimento infantil e suas especificidades; a agressividade na infância e a relação da escola com as famílias.

Assim, dou início à outra jornada, em busca da teoria e da pesquisa. Retornando para a universidade, ingressei no grupo de pesquisa atualmente denominado Cuidado, Educação e Infâncias (CEI) da Faculdade de Educação da UFMG e me encontrei diante de uma nova inquietação: os bebês e suas relações no contexto da Educação Infantil. No trabalho com a pesquisa das coordenadoras desse grupo, além de outras tarefas relacionadas à vida acadêmica, trabalhei especificamente com os dados relacionados aos bebês e suas professoras, o que resultou em apresentações orais, análises e produção das minhas primeiras publicações acadêmicas. Essas experiências, me levaram a sentir o gosto de ser pesquisadora, ao passo que, a partir desse encontro com a teoria e a pesquisa, ingressei no mestrado acadêmico.

Por meio da pesquisa com bebês realizada no mestrado, novos horizontes se abriram,

me aproximando cada vez mais, dos conhecimentos e produções, sobretudo do campo da Educação Infantil. Os conhecimentos e experiências adquiridas com a realização das disciplinas cursadas no mestrado, bem como o estágio docência, a realização da pesquisa de campo e a produção da dissertação,³ ampliaram em grande medida a minha formação acadêmica. Com a inserção na pesquisa, as possibilidades tanto com as crianças quanto no nível de formação inicial e continuada de professoras/es da área da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental se ampliaram. Ao conhecer um pouco mais sobre o bebê, o que ele pode, o lugar que vem ocupando no decorrer da história e o quanto ele resiste a partir da sua existência, venho sempre me colocando em um lugar daquela que sempre quer descobrir mais sobre esse ser, sobre mim mesma e sobre o outro.

Nessa mesma época, no ano de 2017, ingressei, por meio de concurso público, na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME/PBH) como professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Imbuída da teoria, assumi a função de professora tendo como principal foco as crianças e suas especificidades. Para o exercício da minha docência com as turmas de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, levei muito do que aprendi com os bebês e suas professoras no contexto da Educação Infantil.

Ser pesquisadora de bebês requer um olhar aguçado, sensível e atento. Ser professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental também. É um direito das crianças viverem suas infâncias e tê-las respeitadas e consideradas também no Ensino Fundamental. As interações com os pares, o lugar dos afetos e das brincadeiras têm igualmente lugar privilegiado nessa etapa da Educação Básica. O cuidado e os afetos como especificidades dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e o direito à infância têm sido temas centrais do debate sobre a transição e as relações que se constituem nesse contexto de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental (Amaral, 2009; Neves; Gouvêa, 2011; Quinteiro; Carvalho, 2015).

Assim, considero que as pesquisas sobre a Educação Infantil podem contribuir para as relações educativo-pedagógicas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e para proporcionar saberes sobre a complexidade dessas relações que se constituem no contexto educativo (Hoyuelos; Riera, 2019). No entanto, dar visibilidade à complexidade que envolve essa docência tem sido ainda um desafio para o campo da Educação Infantil e do Ensino Fundamental de forma articulada (Kramer, 2006).

³ Ver dissertação de mestrado intitulada *As expressões de choro dos bebês em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte* (Marques, 2019).

As crianças, por meio de seus olhares, sorrisos, choros e gestos, me levaram a pensar que ainda havia sensibilidade e esperança de ser um ser humano melhor, sobretudo enquanto professora. Mahoney e Almeida (2005) ponderam sobre a importância da relação entre afetividade e cognição no processo de ensino-aprendizagem, tendo como base as relações mais qualificadas entre crianças e professoras.

Nesse vaivém dos caminhos da vida e também dessa escrita, dou continuidade a essa história que versa sobre a necessidade de trilhar novos caminhos na busca pelos entrelaçamentos do choro dos bebês com a docência na creche. Como pesquisadora da infância, muito motivada pelo percurso e instigada com questões ainda sobre os bebês e suas interações na Educação Infantil, no ano de 2019, logo após a defesa de mestrado, iniciei uma nova pesquisa,⁴ agora em nível de doutorado, realizada também na UFMG.

A pesquisa consistia em analisar como o choro interfere nas relações educativo-pedagógicas⁵ desenvolvidas no berçário de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) de Belo Horizonte. Ao buscar pela compreensão da relação do choro dos bebês com as ações docentes, foi possível, antes de tudo, me identificar de fato, como uma pesquisadora de bebês e de suas especificidades.

Os resultados da pesquisa indicaram que o choro dos bebês perpassava todo o contexto no qual estavam inseridos, demarcando, dessa forma, os tempos e os espaços daquele contexto. Havia uma interdependência entre o choro dos bebês e a docência, perpassada por uma relação de poder e dependência. Sendo assim, pude verificar que o choro exprime uma necessidade e a fragilidade dos bebês que dependem do outro adulto, nesse caso, das professoras, para se constituírem como pessoa, mas, por outro lado, exerce um poder sobre o outro, nesse caso, as suas professoras, incitando nelas ações e práticas inesperadas e, ainda, reflexões que retroalimentam a própria docência. Também identifiquei que o choro se apresenta como um elemento desencadeador de encontros e desencontros simultâneos dos bebês com seus coetâneos. Nesse sentido, afirmo que os bebês com suas ações modificam o próprio ambiente e o transformam, possibilitando encontros, desencontros e brincadeiras.

A partir dessas constatações, sustento a tese de que o choro dos bebês é um elemento

⁴ Ver tese de doutorado *Entrelaçamentos: o choro dos bebês e a docência na Educação Infantil* (Marques, 2023).

⁵ A expressão utilizada tem como referência o significado atribuído por Maria Lúcia Machado (1993). Para a autora, o termo “pedagógico” não está na atividade em si, mas envolve muitos outros elementos, inclusive, as ações das professoras, uma vez que “não é a atividade em si que ensina, mas a possibilidade de interagir, de trocar experiências e partilhar significados é que possibilita às crianças o acesso a novos conhecimentos” (Ostetto, 2012, p. 191-192).

importante e legítimo a ser considerado nas práticas pedagógicas a serem desenvolvidas na creche, contribuindo para o reconhecimento do papel ativo desses sujeitos e para a construção de uma docência exercida com eles.

A relevância da pesquisa de doutorado se sustenta nas concepções de um bebê capaz e potente o suficiente para, à sua maneira, modificar, direcionar e resistir às práticas de cuidado e educação na creche. É tão potente que, ao buscar conhecê-lo e aprender com ele, pude compreender a mim mesma e também as crianças com as quais venho exercendo a docência no Ensino Fundamental. Os bebês me ensinaram a olhar para as nuances das relações humanas, sobretudo com eles, com as crianças e a partir desta, a buscar subsídios para uma melhor compreensão do exercício dessa docência, jogando luz para a necessidade de integrar as especificidades da infância como elementos centrais das relações estabelecidas no contexto educativo.

Os desafios foram muitos. Enquanto professora-pesquisadora, não hesitei em priorizar minha relação com as crianças. No exercício de uma docência comprometida com infância e com as crianças, a teoria, a pesquisa e a prática sempre se faziam realidade concomitantemente. Nesse sentido, não posso deixar de concordar com Tardif e Lessard (2008), que, com preciosas palavras, muito nos ajudam a compreender melhor sobre o trabalho docente e a refletir sobre o quão desafiador ainda é para nós, professoras/es, saber reconhecer essas linguagens afetivas e corporais das crianças, além de acolhê-las e interagir com elas e suas infâncias, seja na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental.

Ao trazer a dimensão da infância como eixo da docência dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, explicita-se a necessidade de definir um perfil docente condizente com as especificidades das crianças, bem como definir as funções ou marcar o caráter que deve ser dado aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em razão dessas especificidades. É nessa direção que se encontram as indicações dos estudos sobre a infância (Sarmiento, 2005; Sarmiento; Gouvêa, 2009; Sirota, 2007; 2001) de modo a cumprir com as finalidades de uma educação para a infância, considerando o que de fato é prioridade para a aprendizagem e para o desenvolvimento das crianças em suas dimensões social, física, psíquica, afetiva e cognitiva.

Com as crianças, aprendi que, para ouvi-las, não se trata de apenas escutar o barulho que fazem na sala de aula, mas de auscultá-las e refletir sobre o que dizem e sentem. Com as crianças com deficiência, aprendi ainda mais. Inventamos juntos outras formas de comunicação e de compreensão, e nesse processo todas as crianças se fizeram protagonistas. Por meio do

choro, elas me diziam ter saudade da mãe e da avó, sobre as preocupações com os conflitos familiares e/ou do desejo de estarem em outros lugares, dentre outros motivos os quais eu não conseguia compreender. Mas ela me diziam.

Às vezes, não compreendia nem mesmo o que se passava comigo, com o misto de sentimentos e emoções no qual eu estava imersa. O choro muitas vezes se fez linguagem para mim e traduziu várias das minhas angústias e também minhas alegrias nesse contexto educativo. Mesmo sabendo que o choro não está relacionado somente ao mal-estar, ele se traduziu também como o próprio alívio deste.

Vivemos muitas angústias e muitos prazeres, por isso “a complexidade da nossa profissão exige, também, que revisemos nossas formas de pensar e nossas convivências emocionais” (Hoyuelos; Riera, 2019, p. 47). Dessa forma, compreendo que para ser pesquisadora e professora é preciso passar por momentos desafiadores, de escolhas, de conquistas, de reconhecimento de si e da criança que fomos. Momentos de muita aprendizagem e persistência., Reitero, assim, a importância do acolhimento de nossas histórias, de nossas infâncias e das crianças que um dia fomos e que ainda somos.

Algumas reflexões...

Finalizo este texto retomando a poesia que trouxe no início, que é respiro e leveza, para lembrar de tempos no qual transitei, superei e vivi, ri e chorei, mas resisti... Principalmente porque busquei nos bebês e nas crianças a essência da vida, um fio de esperança. A infância, a educação e a pesquisa propõem uma viagem no tempo, de modo que revisitemos nossas infâncias, os quintais que habitamos enquanto crianças que fomos e que ainda somos.

Bem, considero que esse foi o caminho que trilhei para escutar a mim mesma e compreender os bebês, as crianças, suas famílias, seus professoras e suas professores, bem como seus modos de ser e estar no mundo. Paraphraseando Manoel de Barros (2008, p. 67): “A gente vai descobrindo que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade”.

Com a escrita deste artigo, pude vivenciar processos de significação e ressignificação do vivido, do aprendido e do sentido, daquilo que se passou e ainda se passa comigo. Com essa perspectiva, reitero que desse processo de formação, isto é, a escrita deste artigo, emergiram novos significados e, sobretudo, o reconhecimento por minha parte do entrelaçamento dos

vários “eus” que me constituem: o eu-criança; o eu-mulher-mãe; o eu-pesquisadora; o eu-professora. Sendo assim, faço minhas as palavras de Antônio Nóvoa (2007, p.17):

Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal.

Com as histórias que vou contando sobre os encontros de uma mulher, mãe, professora de crianças e pesquisadora dos bebês, sigo aprendendo a escutar esses sujeitos e a mim mesma – a criança que ainda fui e que ainda sou – também com o coração, e descubro que não há um manual para decifrar essas vozes. É saber que o verbo delira com as crianças, chegando ao ponto de ser capaz de “escutar a cor dos passarinhos” (Barros, 2016, p. 17). Nesses encontros, fui me encontrando. É nesse encontro comigo mesma, com as crianças, com os bebês na infância, e com a infância que sigo aprendendo a ser professora da/na infância, um dia de cada vez!

Referências

- AMARAL, Arleandra Cristina Talin do. O que é ser criança e viver a infância na escola: a transição da educação infantil para o ensino fundamental de nove anos. *In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO*, 38. 2009, Caxambu. Anais [...]. Caxambu, 2009.
- ANDRADE. Carlos Drummond de. *Boitempo: menino antigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BUSS-SIMÃO, Márcia. *Relações sociais em um contexto de educação Infantil: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas*. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- GUIMARÃES, Daniela de O. *Relações entre crianças e adultos no berçário de uma creche: o cuidado como ética*. São Paulo: Cortez, 2011.
- HOYUELOS, Alfredo; RIERA, María. *Complexidade e relações na Educação Infantil*. Tradução de Bruna Heringer de Souza Villar. São Paulo: Phorte, 2019.
- KRAMER, Sônia. As crianças de 0 a 6 anos nas Políticas Educacionais no Brasil: Educação Infantil e/é fundamental. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 96. Especial, p. 797-818, out. 2006.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da educação*, n. 20, p. 11-30, 2005.

MARQUES, Fernanda P. C. *Entrelaçamentos: o choro dos bebês e a docência na Educação Infantil*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

MARQUES, Fernanda P. C. *As expressões de choro dos bebês em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de; CASTANHEIRA, Maria Lúcia. A passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: tensões contemporâneas. *Educação e Pesquisa*, v. 37, n. 1, 220 p. 121-140, jan./abr. 2011.

NÓVOA, António (Org). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 2007.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: _____. (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 15-34.

OSTETTO, Luciana E. Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: _____. (org.). *Encontros e encantamentos na Educação Infantil: partilhando experiências de estágios*. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 175-200.

QUINTEIRO, Jucirema; CARVALHO, Diana de. O Ensino Fundamental de nove anos e o direito à infância na escola não são sinônimos! *Revista Pedagógica*, v.17, n. 35, p. 119-135, maio/ago. 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia; ARTES, Amélia. O rural e o urbano na oferta de educação para crianças de até 6 anos. In: BARBOSA, Maria C. S. et al. (Org.). *Oferta e demanda de Educação Infantil no campo*. Porto Alegre; Evangraf, 2012. p. 13-69.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et al. (Org.). *A Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Ribeirão Preto: CINDEDI, 2017.

SARMENTO, Manuel J., GOUVÊA, Maria Cristina S. de. *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SARMENTO, Manuel J. Gerações e alterações: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, agosto de 2005.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cad. Pesquisa*. São Paulo, n. 112, p. 7-31, março, 2001.

SIROTA, Régine. A indeterminação das fronteiras da idade. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 41-56, abr. 2007.

SMOLKA, Ana Luísa. Sentido e Significação. In: ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et al. (Org.). *A Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Ribeirão Preto: CINDEDI, 2017. p. 42-59.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Manuscritos de 1929. *Educação & Sociedade*, ano 21, n. 71, p. 21-44, 2000.

MARQUES, F. P.C.

Diálogos em busca de um encontro com a infância e com a docência para a infância

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em: 02 out. 2024.

Aprovado em: 30 out. 2024.

Revisor(a) de língua portuguesa: a autora

Revisor(a) de língua inglesa: a autora